

## Narcisismo e Sociedade de Consumo

CAPOIA, Alessandro Marcio e CANIATO, Ângela Maria Pires

### **Resumo**

Por meio de pesquisa bibliográfica buscamos compreender alguns aspectos do narcisismo e sua relação com sociedade de consumo. O fenômeno do narcisismo é visto aqui não exclusivamente segundo a perspectiva intimista e individual, mas como estando presente nos ideais da própria cultura contemporânea, direcionada prioritariamente pela sociedade de consumo. Esta pesquisa demonstra que através da Indústria Cultural na contemporaneidade os objetos de consumo ganham características simbólicas que induzem a identificação dos consumidores ocasionando um aprisionamento de sua força vital nestes objetos, fragilizando assim o indivíduo em suas relações com outros homens às custas de um inflacionamento egóico de defesas de ego ideal, que pautado na fantasia aumentam o sofrimento psíquico do indivíduo contemporâneo.

**PALAVRAS CHAVES:** Narcisismo, sociedade de consumo, indústria cultural, sofrimento psíquico

### **Resumen**

Por médio de uma pesquisa bibliográfica buscamos comprender algunos aspectos del narcisismo y su relación con la sociedad de consumo. El fenómeno del narcisismo es visto aquí no exclusivamente según la perspectiva intimista y individual, pero como estando presente em los ideales de la propia cultura contemporáneo, orientada prioritariamente por la sociedad de consumo. Esta pesquisa revela que por medio de la Industria Cultural en la contemporaneidad los objetos de consumo ganan características simbólicas que inducen a identificación de los consumidores ocasionando un aprisionamiento de su fuerza vital en estos objetos, debilitando de esta manera el individuo en sus relaciones con otros hombres pagando con un inflacionemiento egoico de defensas del ego ideal, que basado en la fantasia aumentan el sufrimiento psíquico del individuo contemporáneo.

**Palavras-chave:** narcisismo; sociedad de consumo; indústria cultural; sufrimiento psíquico

## Narcisismo e Sociedade de Consumo

CAPOIA, Alessandro Marcio e CANIATO, Ângela Maria Pires

O conceito de narcisismo e seus desdobramentos teóricos permitiram à Psicanálise um grande avanço na compreensão da dinâmica psíquica. Sua conceituação original foi proposta por Paul Nacker<sup>1</sup>[1], que delegava a esse uma condição de perversão, caracterizada pelo indivíduo que toma seu próprio corpo como objeto sexual. Entretanto, o narcisismo, quando introduzido na Psicanálise, é concebido enquanto uma dimensão estruturante do psiquismo, conforme proposto por Freud (1981). Posteriormente outras

formulações foram sendo expostas pelas novas gerações de psicanalistas, o que demonstra o significado relevante desse conceito. Tais contribuições foram importantes para esta pesquisa, já que permitiram o aprofundamento desses estudos originais sobre o narcisismo. Entendemos, portanto, devido mesmo a tal diversidade de autores e abordagens - que denunciam também a complexidade do tema-, ser necessário um resgate do conceito de narcisismo, exposto no que se segue.

Quando Freud introduziu o conceito de narcisismo em 1914 um novo horizonte delineava-se para a Psicanálise e a distinção tópica, econômica e dinâmica, que até então fazia do conflito psíquico uma noção teoricamente coerente, sofreria algumas modificações (Costa, 2004), já que esse conflito não mais diferenciava-se em partes tão nítidas. O ego não mais poderia ser considerado exclusivamente a sede do princípio de realidade e dos processos secundários, ou simples mediador entre os desejos reprimidos inconscientes e objetos externos existentes, função em que reinava até então, autônomo e sob o domínio da realidade. Agora esse ego era passível de investimentos instintivos libidinais, o que tornou a dinâmica psíquica muito mais complexa e o conceito de narcisismo relevante tanto na clínica quanto para uma leitura da cultura.

Para Freud (1981), o narcisismo ocuparia um lugar de destaque no percurso do desenvolvimento dos indivíduos, sendo, a princípio, o complemento libidinal do egoísmo de auto preservação existente em todo ser vivo. Em decorrência dessa nova compreensão, o autor avança, afirmando que o estado de desligamento do mundo externo de indivíduos parafrênicos<sup>2</sup> seria resultante de desinvestimento da libido vital destinada aos objetos para seu deslocamento e represamento no próprio ego. Isto, entretanto, representaria um grau extremo desse deslocamento e libidinização egóica, a compreensão mais profunda é que o ego sendo constituído durante o desenvolvimento, passaria por estágios graduais de evolução: primeiramente as excitações externas e internas causariam um caos de sensações indistinguíveis, na criança; a primeira integração ainda que arcaica dessas sensações e percepções dar-se-ia no estágio denominado narcisismo primário.

Para Freud (1981), o narcisismo primário seria o momento em que se inicia a integração do ego com base na libidinização das primeiras representações mentais e que se findará após o narcisismo secundário, quando dar-se-á a constituição da identidade de um indivíduo. Portanto, o caos de sensações advindas de locais internos e externos passíveis de excitação começa a distinguir-se de suas fontes e integrar-se ocasionando uma unidade.

---

1[1] Citado por Freud na obra Introdução ao Narcisismo de 1914.

2[2] Freud 1914 propôs denominar indivíduos que sofriam de esquizofrenia de parafrenicos.

Percebemos assim a importância do narcisismo na estrutura egóica, ou seja, a libidinização do ego é exatamente a fonte de energia necessária para a unidade de ser de todos os indivíduos, sendo portanto, contemporâneo à primeira forma de estruturação do ego. Anteriormente a tal fato, existiria apenas as pulsões fragmentadas

Nesse primeiro estágio do narcisismo o ego não diferenciado se encontra inflado de libido e funcionando em uma megalomania mágica, envolvida pela fantasia que tudo que existe é uma extensão de si mesmo. A superação desse estado será possível quando essa libido puder ser investida em objetos, o que resultará posteriormente no narcisismo secundário.

O narcisismo secundário segundo Freud (1981), denota o movimento da libido em direção aos objetos externos e é por meio desse processo que ocorre uma identificação com esses objetos, os quais, por sua vez, transformarão o próprio ego. A energia contida no ego tem sua gênese no narcisismo primário- que possibilita uma energização de idéias que conduzirá o indivíduo a uma unidade- que, porém, somente poderá se concluir com a entrada no universo mental da criança de seus objetos de afeto.

A unificação das pulsões, até então desorganizadas e fragmentadas, proporciona o que Severiano (2001) denomina “momento fundante do indivíduo”, pois só então ele pode perceber-se como uma unidade e diferenciar-se de outros sujeitos, distinguindo seu próprio corpo do mundo externo: o não-corpo. Trata-se do nascimento da consciência. A constituição de tal unidade só é possível por meio do olhar libidinizado do outro, o que permitirá o desenvolvimento do ego tanto em direção aos objetos sexuais quanto à cultura de uma forma geral:

essa representação do sujeito como unidade indivisível e fortemente estruturada somente é possível graças à imagem corporal que a criança obtém de si mediatizada pelo outro, ou seja, graças ao olhar da mãe como constituinte e organizadora da auto-imagem da criança(Severiano, 2001, p.125)

A constituição do indivíduo enquanto unidade requer um abandono do estado característico do narcisismo primário, para um avanço de sua libido sobre o outro e o retorno dessa mesma libido para o ego, o que acontece mediante as frustrações que ocorrem normalmente no período de desenvolvimento, como por exemplo, o medo dos objetos externos ocasionarem o aniquilamento do ego. Esse retorno, portanto, não acontece sem que o objeto externo agora ganhe representações internas. Tais representações do objeto passam a integrar o ego e nesse momento, portanto, ocorre a quebra de um

narcisismo onipotente. O indivíduo percebe-se em falta, dependente e frágil, e assim sua libido segue o curso da identificação com os objetos tornando-os parte de si mesmo para compensar a falta, constituindo, dessa maneira, seu universo mental.

tenho aprendido um circuito muito básico para a compreensão da vida mental: as forças que movem um indivíduo a existir precisam sair de dentro do indivíduo, fazer algum contato com um espaço exterior (ou representante da exterioridade), e voltar para dentro do indivíduo, portanto uma qualidade experiencial que vai formar uma estrutura mental.(Francisco,1993, p.392)

Exploramos até esse momento dois caminhos possíveis para a energia libidinal, o caminho dos objetos e o do próprio ego. Porém Costa (2001) afirma que a compreensão freudiana destina um terceiro caminho para a energia libidinal que se deslocaria também para o ego-ideal e o ideal-de-ego<sup>3</sup>[3]. Embora Freud, em seus escritos, tenha utilizado os dois termos de forma indiscriminada, podemos encontrar entre os autores que trabalharam a Psicanálise posteriormente, alguns que distinguem esses dois conceitos. Tal distinção será de extrema relevância para essa pesquisa.

Segundo Severiano (2001), vários autores distinguem ideal de ego e ego ideal a partir de seu funcionamento na estrutura psíquica. Assim temos, Nunberg, Lagache e Bleichmar, que produziram novas concepções a partir de releituras da obra freudiana, compreendendo o ego ideal como descendente da onipotência narcísica perdida. Esse ideal é formado com base na onipotência fantasiosa de elementos mágicos, próprios de um funcionamento narcísico infantil e encontrar-se-ia ligado ao ego de forma não bem organizada e conectado ao Id ainda de forma não diferenciada. Portanto para esses autores o ego ideal é regredido e impulsionado pelos desejos instituais do Id tendo o princípio do prazer como seu modo de funcionamento básico, buscando, dessa maneira, evitar o desprazer ao máximo e alcançar o prazer predominantemente.

Viñar (2004) compartilha dessa concepção quando afirma:

...Yo ideal es la reliquia de la omnipotencia infantil, la nostalgia de aquél momento en que fuimos His Magesty the Baby, trono que jamás tuvimos, que jamás llegamos a ocupar y disfrutar de modo pleno...

---

3[3] Freud introduziu o conceito de idealich (ego ideal), em 1914 e o repetiu utilizando ichideal (ideal de ego) em O Ego e o ID de 1923, mas segundo Laplanche e Pontalis (1986) não fez distinção conceptual entre os dois.

Costa (2004), refere ao ego ideal como “a imagem idealizada da constituição dos traços egóicos”, a qual teria uma função definida no âmbito do conflito psíquico, qual seja: a de possibilitar ou portar a alteridade do ego narcísico. Esse não seria capaz de fazer face à existência de um outro, a não ser na medida que esse outro fosse seu grandioso espelho, ou nas palavras do autor, uma “reedição inflacionada de um traço de sua forma passada ou presente, isto é, um outro idêntico”, a quem o indivíduo recorreria quando se encontrasse acuado, frente a um perigo iminente de aniquilamento, como, por exemplo, frente aos sentimentos de impotência e desamparo.

Costa (2004), atribui um importante papel ao ego ideal na função de defesa narcísica do ego, as quais seriam acionadas imediatamente em resposta a qualquer sinal que poderia exigir alteração da composição egóica. Isso dar-se-ia pela própria característica do ego que ele denomina “compulsão à síntese”, a qual poderia ser traduzida como uma preocupação do ego com segurança, ou seja, com a manutenção da ordem de suas representações sempre da mesma forma. Essa defesa de caráter narcísico seria de grande utilidade para a adaptação do indivíduo ao mundo, pois cumprindo esta função de manter a unidade, coerência e distinção do ego diante do mundo e dos outros seres humanos, ela protegeria o indivíduo da desintegração ou do excesso de impotência que o ameaçam constantemente no decorrer de seu desenvolvimento.

Para Severiano (2001), esse caminho que a libido percorre na defesa narcísica, guiada pela imagem do ego ideal, opõe-se diametralmente àquele que é guiado pelo ideal de ego. Isso ocorreria, em primeiro lugar, porque nesse segundo caminho o reconhecimento da alteridade e da própria falta e incompletude, não só já é admissível e suportável como também se constitui em pré-condição essencial para atingir-se o modelo ideal. O ideal do ego, ao contrário do supracitado ego ideal, estaria voltado para o futuro e buscando o prazer em seu sentido forte, e não apenas para o presente e com o objetivo único de evitar o desprazer.

Assim, como nos aponta Costa (2004), apesar das semelhanças entre o ego ideal e o ideal de ego, tanto no que se refere à sua origem (narcisismo infantil), como quanto no que tange a busca pela unidade, coesão e integridade do sujeito, o ideal de ego ocupa uma função diferente no aparelho psíquico, calcando-se no vir-a-ser. Essa ênfase no futuro tem especial importância, pois, demandará do ego em sua função de síntese, ainda que em condições favoráveis, uma reestruturação e um reequilíbrio homeostático, a fim de realizar a incorporação de novas representações e habilidades.

Um outro ponto a ser considerado ao abordar-se ego ideal e ideal de ego seria a diferença dos processos pelos quais esses atuam: enquanto o ideal de ego constitui-se por meio da sublimação, o ego ideal implica em uma renúncia ao enfrentamento da realidade e o fascínio pelo que Severiano (2001) denomina “objeto-engodo”, caracterizado pelo processo de idealização.

Segundo Severiano (2001) na idealização, o ego é incapaz de fazer um julgamento adequado do objeto em termos de realidade e eleva suas qualidades de maneira a torná-lo perfeito, substituindo os ideais (de ego) que, por meio de sua experiência real, não pôde alcançar. Vai delineando claramente sua impossibilidade de lidar com a falta e o adiamento do prazer imediato e ocasionando um retraimento dos impulsos anteriormente dirigidos à satisfação sexual, os quais ficam relegados ao segundo plano. Já a sublimação, tal como Freud (1981) já colocara, trata-se de uma das vicissitudes pelas quais passam os instintos sexuais no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida, implicando no redirecionamento do destino da pulsão, ou seja, **em transformações pulsionais que resultarão na aplicação da libido em outros fins que não os sexuais.**

Segundo Costa (2004), somente por meio da sublimação, é que se pode investir em objetos que contradizem os interesses do narcisismo, pois a falta não é negada na sublimação tal como na idealização, pelo contrário, preserva-se a memória da satisfação não-realizada, apontando para a necessidade de liberação e dando ao sujeito a possibilidade de mobilidade de investimento e questionamento.

Assim, podemos afirmar, de acordo com os autores explorados, que a idealização contrapõe-se à sublimação. Da mesma forma que o ego ideal se confronta com o ideal de ego, à medida que o ego ideal aclama a idealização como forma substitutiva da falta e aprisionamento da libido que o mantêm na fantasia de ego perfeito e reinante e o ideal de ego se apóia nos objetivos de vir a ser do indivíduo em contato com o mundo externo e os sujeitos que este contém.

Neste resgate conceitual compreendemos o narcisismo como um importante elemento de construção egóica, assim como, essencial para o desenvolvimento da ligação do indivíduo com a cultura, como foi discutido e que é realizado pelos desdobramentos do narcisismo no que tange ego ideal e ideal de ego. Retomaremos essa discussão no terceiro tópico dessa pesquisa.

## 2-Sociedade de Consumo

Sendo a proposta de nossa pesquisa um exame das relações existentes entre a sociedade de consumo e a subjetividade dos indivíduos na contemporaneidade, e tratando-se de uma pesquisa fundamentada nas teorias psicológicas, faremos nesse tópico uma

pequena reconstrução das origens da sociedade de consumo, o nos concentrando nessa última por interessar especificamente à nossa pesquisa.

Para Vincentino (1991), o modo de produção na Idade Média no ocidente europeu baseou-se primordialmente no sistema feudal, onde as terras e a produção pertenciam aos senhores feudais, não existindo uso de moeda corrente que possa ser considerado. No entanto nessa época os servos podiam trocar excedentes entre seus iguais, mas a produção era basicamente voltada para sobrevivência.

O aumento de produção e relações comerciais ocorre nos Estados absolutistas já com o abandono das sociedades feudais, que introduzem o mercantilismo. Segundo Tota e Bastos (2000), o mercantilismo visava manter o tesouro dentro do Estado, cuja regra fundamental era vender caro e comprar barato.

Vincentino (1991), afirma que o século XV inaugurou um novo período econômico e cultural, fundado em valores que negavam completamente os da época anterior que se encontrava fundamentado no poder ideológico católico-feudal.

Do século XV ao XVIII tivemos uma nova ordem sócio-econômica, denominada capitalismo comercial. Durante esse período, a nobreza, cuja posição social era ainda garantida por suas propriedades rurais e títulos - mas que não raro enfrentava dificuldades financeiras -, passou a buscar ansiosamente, meios de se impor segundo os novos padrões econômicos. (Vicentino, 1991, p.110)

Ocorreu, portanto, um enfraquecimento contínuo dos poderes da nobreza e do Estado em consequência de um aumento do poder econômico e político das sociedades burguesas. Segundo Tota e Bastos (2000), os burgueses se apoiaram sobre o poder do Estado para suas relações econômicas. Dele dependiam, mas em detrimento de seu crescimento econômico e da Revolução Industrial no século XVIII, o próprio Estado começa a aparecer como um empecilho para a ganância expansiva do novo modelo econômico capitalista.

Segundo Tota e Bastos (2000), a produção em grande escala propiciada pelo novo sistema produtivo gerado pela Revolução Industrial 4[4], necessitou de um aparato ideológico que oferecesse a explicação necessária para seu desenvolvimento. Esse encontrou seu aliado no Liberalismo construído nas bases filosóficas do Iluminismo. John

---

4[4] Não faremos aqui uma análise da Revolução Industrial, acreditamos que tal análise é demasiada complexa, optaremos por tanto apenas localizar alguns aspectos pertinentes a nossa pesquisa.

Locke<sup>5</sup>[5] , foi um dos maiores defensores do fim do Estado absolutista e foi esse fim que proporcionou a liberdade econômica (de compra e venda sem a intervenção direta do Estado) dos conglomerados industriais que nasciam nessa época.

Para que possamos propiciar o desenvolvimento de nossa análise colocaremos aqui dois fragmentos de outros filósofos Iluministas e um fragmento da declaração de independência dos Estados Unidos da América do Norte, retirados de Tota e Bastos(2000), que julgamos demonstrar adequadamente as idéias centrais da visão de homem inculcada na filosofia liberal Iluminista<sup>6</sup>[6].

A liberdade é um presente do céu, e cada indivíduo da mesma espécie tem o direito de gozar dela logo que goze da razão [...].O poder que vem do consentimento dos povos supõem necessariamente condições que tornem o seu uso legítimo útil a sociedade, vantajoso para a república e que o fixem e restrinjam entre os limites; pois o homem não pode e nem deve dar-se inteiramente e sem reserva a outro homem, porque há um senhor superior acima de tudo, ao qual somente ele pertence por inteiro.(Diderot, apud, Tota e Bastos,2000,p.87)

A fim de que o contrato social não seja apenas uma fórmula vazia, todos precisam compreender que todo indivíduo que se recusa a obedecer a vontade geral deve ser forçado por seus companheiros a fazê-lo. É uma maneira de dizer que pode ser necessário forçar um homem a ser livre, sendo neste caso a liberdade, a obediência a vontade de todos.(Rousseau, apud, Tota e Bastos,2000,p.88)

nós temos estas verdades por evidentes em si mesmas:  
que todos os homens nascem iguais;  
que o seu Criador os dotou de certos direitos inalienáveis, entre os quais a Vida, a Liberdade e a procura da Felicidade (Declaração de Independência apud Tota e Bastos,2000,p.90)

Segundo Severiano(2001), essas compilações filosóficas estavam presentes no que Max Weber<sup>7</sup>[7] denomina de ética protestante e explica a transição do capitalismo comercial de produção para o capitalismo de consumo; apontando para o sistema de valores inculcados na ideologia protestante, que vinha de encontro com as necessidades de um agrupamento social burguês em ascensão.A Igreja Católica afirmava que o lucro era pecado portanto esta idéia impedia o crescimento de uma economia basicamente forjada sobre o lucro, por outro lado, a ideologia protestante pregava a predestinação sobre os

---

5[5] Filósofo inglês (1632-1704),em seu livro Dois Ensaios Sobre o Governo Civil dizia que a relação entre governados e governantes deveria se dar por meio de um contrato.

6[6] Os dois filósofos citados são em ordem, Denis Diderot(1713-1784) e seu trecho correspondente do artigo Autoridade Política publicado na Enciclopédia Iluminista e Jean-Jacques Rousseau e seu enxerto é de sua obra O Contrato Social.

desígnios divinos que ofereciam para os escolhidos por Deus recompensas terrenas em abundância.

A análise de Severiano(2001), permite uma compressão do capitalismo enquanto um sistema incrivelmente flexível, devido a sua capacidade de se transformar e adaptar-se as diferentes conjunturas no decorrer do processo histórico. A Ética protestante pregava o acúmulo de capital, o lucro não era pecado porém o homem não deveria ter gastos acima do necessário.O consumo em seu fim era visto como relegado a pessoas sem fé debruçada sobre os prazeres mundanos. Assim foi possível um acúmulo incrível de capital e extremamente necessário para o desenvolvimento da primeira fase do capitalismo.

Segundo Orti (apud, Severiano2001), o capitalismo de produção preocupou-se sumariamente com o Setor I, caracterizado como setor de meios para produção, ou seja, produção de bens industriais para o crescimento do acúmulo de capital, deixando para o segundo plano o Setor II, caracterizado como bens de consumo não duráveis.Seria essa lógica que desencadeou a crise de 1929 no USA, (após a Primeira Guerra Mundial) devido a uma super produção do primeiro setor em detrimento do segundo.

Para Severiano (2001), diante desse novo quadro o capitalismo passou por uma reformulação e uma inversão total de seus valores sociais até então constituídos pela Ética Protestante.A crise podia ser superada por uma valorização do consumo em grande escala de bens não duráveis, mas para tanto era necessário que uma nova ideologia tomasse o lugar da antiga, exigindo que a população fosse reeducada.

[...]educar as massas na cultura do consumo, criando nelas o desejo de melhores coisas, mesmo quando elas não queriam ou não podiam mais comprar. Para tal, a necessidade de se criar mecanismos extra econômicos fez-se urgente, surgindo assim a Industria do Desejo Abstrato: uma unidade de produção preocupada em mexer com elementos guardados no psiquismo dos indivíduos, acomodados desde a remota infância, cheia de recordações afetivamente carregadas, para, a partir disso, desencadear nos consumidores desejos inconscientes e imperiosos por rádios, televisores, automóveis, roupas, etc[...] (Marcondes Filho, apud Severiano, 2001)

Apontamos aqui a obviedade do fato que a transformação de um capitalismo acumulativo para um de consumo deu-se antes por uma exigência do sistema que se transformou-se para evitar a própria falência, ou seja, o colapso geral daquele empreendimento, do que por uma exigência de uma população desejosa de qualquer mudança de seus hábitos.

---

7[7] Weber analisou os primórdios do capitalismo em sua obra A ética protestante e o espírito do capitalismo.

Portanto a sociedade do consumo surge como uma necessidade capitalista de sobrevivência e se pauta em ideologias de igualdade e liberdade. Mas que igualdade e liberdade seriam essas, se não a falsa liberdade de escolha de produtos no mercado e as igualmente ideológicas possibilidades de consumo?

Baudrillard (1995), afirma que o ideal de liberdade e de felicidade destinado a todos os homens construídos pelo Iluminismo é a referência máxima da sociedade de consumo, revelando-se como condição equivalente à de outrora a salvação. A felicidade deve ser vista em propriedades de igualdade entre os homens para que seja aceita e divulgada e para que isto seja possível tornasse necessária sua exteriorização de maneira mensurável, ou seja, a fruição total revela seu fim no consumo, que passa ser o critério para demonstrar o bem estar vivenciado pelos indivíduos cada vez mais individualistas da contemporaneidade.

3- O que Narciso vê no espelho? O reflexo desumanizado de sua própria imagem.

Compreendendo o narcisismo e a origem da sociedade do consumo podemos agora executar uma análise das conseqüências sobre a subjetividade, relacionando os dois conceitos principais dessa pesquisa.

Como foi descrito no primeiro tópico o ideal de ego e ego ideal são descendentes do narcisismo infantil e apresentam-se relacionados com a inserção do indivíduo na cultura, seja como forma idealizada de defesa fantasiosa do ego ideal, seja na execução de um projeto de vir-a-ser do ideal de ego, pautado no princípio de realidade (Severiano, 2001). Assim podemos afirmar que os ideais que permeiam as duas instâncias são advindos da cultura ao qual um indivíduo se encontra vinculado.

Se adotarmos a compreensão de que a cultura contemporânea se encontra permeada pela estrutura política proveniente do liberalismo econômico, o qual é introduzido pelas idéias iluministas e reformulado na atualidade na forma neoliberal - que pressupõe a abertura total de mercado (Dufour, 2001)-, entenderemos que esta “nova cultura” implica em novos valores que por sua vez constituem a sociedade de consumo (Baudrillard, 1995). Teremos por fim de compreender de que maneira essa forma de ordenação social atinge a subjetividade dos indivíduos na contemporaneidade.

A resposta encontra seu desígnio no conceito cunhado por Adorno e Horkheimer (1991), denominado Indústria Cultural, o qual foi proposto pelos autores a fim de substituir a expressão cultura de massas, que esses intelectuais acreditavam ser inapropriada já que a

cultura atual não é produzida pelas massas, mas sim imposta a essas por setores dominantes da sociedade, cabendo a elas apenas se submeter aos valores difundidos e reproduzi-los.

Severiano (2001) afirma que embora críticas tenham sido feitas ao conceito dos autores supracitados, algumas destas não abrangem uma compreensão profunda do conceito, já que são feitas em relação ao caráter suposto de homogeneização dos indivíduos pela indústria da cultura, argumentando-se sobre a pluralidade e diversidade tão divulgada na atualidade, mas que só existe na aparência ideológica do individualismo que, de fato, impõe a mesmice para todos: a lógica do consumo.

Segundo Severiano (2001), a pluralidade contemporânea se dá antes por uma estratégia do mercado em diversificar a linha de produtos oferecidos e propostos/impostos ilusoriamente pela mídia do que pelo caráter de individuação de diferenças subjetivas.

A esse respeito Dufour(2001), apresenta a seguinte argumentação:

baseado na proclamação da autonomia de cada um e numa extensão da tolerância em todos os campos sociais (dentre os quais o dos costumes), que tende a fazer acreditar que estamos em vias de viver um intenso período de libertação. Dado que o antigo patriarcado opressivo está em desvantagem, acredita-se que uma revolução sem precedentes estaria a caminho... esquecendo-se de que foi o próprio capitalismo que comandou esta “revolução” visando a facilitar a penetração da mercadoria nos domínios onde ela ainda não reinava - o dos costumes e o da cultura.

Assim, consideramos o conceito de Indústria Cultural extremamente relevante em nossa pesquisa, pois como afirma Adorno:

[...] A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto de seus consumidores. Na medida em que nesse processo a indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas as quais ela se dirige, as massas não são, então o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório de maquinaria. **O consumidor não é rei**[8] como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é sujeito da indústria, mas seu objeto (p. 92-93).

O consumidor não é “rei”, a partir deste fragmento de Adorno(1986), enxertamos outro de Baudrillard(1995):

é o pensamento mágico que governa o consumo serve de todo um dispositivo de objectos simulacros e de sinais característicos da felicidade,

---

esperando em seguida (no desespero diria um moralista) que a felicidade ali venha posar-se.(Baudrillard, 1995).

Segundo Abeche(2003), o imperativo do gozo (busca da felicidade plena) resultante do novo código moral estabelecido e divulgado pela mídia, confunde a castração com a privação pois não se trata da falta do gozo- elemento constitutivo da condição humana- mas sim de uma falta imaginária que os indivíduos são levados a crer estarem privados e que precisam recuperar a qualquer custo.

Os ideais do mercado financeiro atingem os indivíduos por meio da Indústria Cultural e iludem os sujeitos com uma lógica mágica incutida nos objetos de consumo, o que Severiano (2001) caracteriza como objeto-engodo. Pois não é o pensamento mágico referente ao narcisismo primário, que permite a ilusão do indivíduo de fusão com a exterioridade?

A veiculação de novos valores disseminados pela indústria da cultura engendra-se na forma ideológica sobre seus espectadores, como afirma Cohn:

[...] além de ser um processo formador de consciência e não apenas instalado nela, opera no nível do inconsciente, no sentido forte do termo: ela não apenas oculta dados da realidade, mas os *reprime*, deixando-os sempre prontos a retornar à consciência, ainda que de novo sob formas ideológicas. Nessas condições, o desenvolvimento da consciência pelo contato reflexivo com a realidade é um processo doloroso, como o é a própria civilização na concepção freudiana. Trata-se de um processo difícil de ser suportado por pessoas cuja estrutura de personalidade foi moldada para reproduzir a heteronomia ...(COHN, 1986, p. 17.).

Para Bauman (1999), se anteriormente na fase do capitalismo de produção tínhamos uma sociedade de produtores técnicos, a nova fase do capitalismo de consumo apoiada nos novos valores incutidos nos indivíduos dá lugar a uma racionalidade técnica na qual estão embutidos valores tais como o “vale tudo”. Para satisfazer seus desejos o indivíduo é orientado a entrar em competição maciça com seus semelhantes, o que implica em um desinvestimento de sua libido sobre o outro e um auto investimento narcísico, como também um deslocamento desta libido para os objetos de consumo.

Segundo Dufour (2001), a perda de referências desencadeada pela descrença nos ideais políticos e religiosos da atualidade ocasionam um momento nunca antes visto na história humana, momento esse em que o indivíduo toma a si mesmo com referência.O mecanismo psíquico que permite essa ocorrência é, em nossa análise, o que foi discutido no primeiro tópico desta pesquisa: ou seja, o indivíduo ameaçado pela desintegração recorre aos mecanismos de defesa de ego ideal proposto por Costa (2004).Se os ideais

coletivos no qual o ideal de ego poderia se conectar encontram-se falidos, resta a idealização do ego ideal como manutenção da própria vida.

Também para Lasch (1983), a valorização da técnica e a descrença em ideais coletivos privilegiam a emergência dos traços narcísicos contemporâneos, pois ao indivíduo, perdido em meio a um mundo caótico, só lhe resta retirar-se de qualquer satisfação que a coletividade poderia lhe oferecer e se dedicar à auto-referência de sua vida privada.

Nos debruçamos nesse momento sobre essa lógica, para deixar claro que o indivíduo preso a seu auto referencial, não significa estar completamente desvinculado da exterioridade, pois isto denotaria um mundo de indivíduos parafrênicos, impossibilitando assim a própria existência de qualquer sociedade. Entendemos que as relações se mantêm com um fluxo libidinal fragilizado, ou seja, os objetos são investidos, mas a facilidade com que se desprendem são as mesmas com as quais um indivíduo descarta um produto para a aquisição de outro no mercado da abundância.

Baudrillard (1995), afirma que a profusão, ou seja, a imensa diversidade de produtos existentes no mercado, leva a mistificação da própria racionalidade que eles representam. Seu argumento é pautado no desígnio divino que a abundância representa na coletividade que embute na aquisição de produtos um caráter de salvação e resolução de todos os problemas. Porém, salienta que quando os indivíduos se cercam de objetos técnicos vão sendo reduzidos igualmente a sujeitos funcionais.

Para Severiano (2001), a crescente globalização das sociedades contemporâneas, acelera a proliferação de todos os tipos de produtos no mercado, advindos de todas as partes do mundo e muitos deles já sem qualquer distinção de origem ou nacionalidade, caracterizando uma desterritorialização desses “produtos globais”, denotando uma perda de identidade e redução do produto à marca.

Baudrillard (1995), dá a essa nova condição a denominação de objetos-signos. O que importa nesse signo não é sua utilidade mas sim o seu significado social, não diante dos indivíduos e sim de outros objetos que se autonomizam e tornam-se regidos apenas pela lógica do mercado. Aos indivíduos relega-se a competição na aquisição dos produtos que irão demonstrar materialmente uma união de objetos-signos que lhe trarão valorização social quando de suas aquisições.

Para Severiano (2001), a análise de Marx sobre o fetichismo da mercadoria compreendia que o valor de troca dessa encobria as relações de desigualdade entre os homens, numa inversão que ficaria ocultada pela mercadoria, ou seja, essa passa a se fixar

na “relação entre coisas”, não representando o despendido de força de trabalho humano nem as relações entre os produtores e o produto, sendo as características sociais representadas, apenas, como materiais.

Se na época de Marx os produtos se apresentavam como coisa, na época atual a mercadoria desmaterializa-se, ganhando a aparência de “signo”(Severiano, 2001).Essa nova “embalagem” continua a encobrir as relações sociais de desigualdade, mas sua materialidade ou funcionalidade dilui-se na relação signo-objeto, tornando a abstração envolvida nesse processo suficientemente flexível para abrigar qualquer significado ou associação simbólica na mercadoria.

Segundo Severiano (2001), a concepção freudiana de fetichismo se dá quando o objeto sexual é substituído por outro não humano, mas se mantendo alguma ligação com o objeto original.Já em um fetichismo patológico a ligação com o objeto original é desfeita e o objeto substituto torna-se o único objeto “sexual”. O fim sexual da libido é abandonado mantendo alguma relação apenas no inconsciente e o objeto-signo no consumo também pode tomar o lugar do objeto real de afeição à medida que esses ganham personalidade e estilos, e pressupondo-se capazes de resolver os problemas dos homens, possibilita a suposta e falsa realização dos desejos dos indivíduos.

Diante de nossa pesquisa encontramos um indivíduo abandonado pela sua cultura (Freud, 1981) e subjugado em uma lógica fabricada para seu domínio (Adorno, 1985).Esse indivíduo se esvazia e se desestrutura ao ser impulsionado a realização de seus desejos por meio da competição com seus iguais(Baumam, 1999 e Caniato, 2000)e na aquisição de mercadorias na sociedade de consumo(Baudrillard, 1995).Sem referenciais humanos, se relega ao acuar-se sobre si mesmo(Dufour, 2001),construindo uma auto imagem que necessita buscar na exterioridade sua confirmação. Porém, encontra os processos identificatórios plenamente controlados e deformados pela padronização da Indústria Cultural que exige a capitulação do indivíduo à lógica do consumo, condizente à uma identificação fantasiosa e fantasmagórica com seus produtos e a uma regressão defensiva do ego que, acionada pelo medo de aniquilamento, acaba por priorizar os funcionamentos defensivos do ego ideal(Costa, 2004).

Atribuímos que, parte do alto índice de violência entre os homens, do desaparecimento objetual que vem cada vez mais se demonstrando no esfacelamento das famílias contemporâneas e em fenômenos como o “ficar com”<sup>9[9]</sup>, assim como, a redução de

---

<sup>9[9]</sup> Este fenômeno foi estudado em outra iniciação científica orientada pela doutora Angela Caniato, e demonstrou que as formas de vínculos construídas na atualidade geram igualmente sofrimento psíquico.

criticidade demonstrada nas falências sindicais e o extremo egoísmo que atravessa as relações humanas constituídas na competitividade predatória (Caniato, 2000), podem ser melhor entendidos por meio das questões examinadas nessa pesquisa.

Compreendemos que essa lógica fatal de mercado que subjuga os indivíduos torna-os inimigos de seus iguais e de si mesmos. A mesma não pode levar a nenhum lugar senão à destruição, pois para o sistema capitalista vigente da descartabilidade, como afirma Adorno (1985), “[...] Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar [...]” (p. 136).

Alessandro Marcio Capoia (Academico quarto ano de Psicologia Universidade Estadualde Maringa) Orientadora Prof.Dra Angela Maria Pires Caniato, Fone 44-99123417 Ou 44 3233 7574, ou o telefone da professora Angela 44 32242167 ou 99167348

R. Margarida Basseto n22 Mandaguari /Parana, CEP 86975000

Alessandro Capoia e-mail:kpoia27@yahoo.com.br

Dra.Angela Maria Pires Caniato e-mail:ampicani@onda.com.br

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *A Crítica Cultural e Sociedade*. In.: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes Cientistas Sociais, 54) p. 76-91.

\_\_\_\_\_. *Indústria Cultural*. In.: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1986c. (Grandes Cientistas Sociais, 54) p. 92-99.

\_\_\_\_\_. & HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: **Dialética do esclarecimento** – fragmentos filosóficos. Trad. G. A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 113-156.

BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70. 1995

CANIATO, A. M. P. *Da violência no ethos cultural autoritário da contemporaneidade e do sofrimento psicossocial*. **Psi – Revista de Psicologia Social e Institucional**. Londrina. nº 2, v. 2, p. 197 – 215. Dez. 2000.

COHN, Gabriel. *Introdução: Adorno e a teoria crítica da sociedade*. In: COHN, Gabriel (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1986. p.7-30. (Grandes Cientistas Sociais, 54).

COSTA, Jurandir F. *Narcisismo em tempos sombrios*. Disponível em <[http://www.jurandircosta.hpg.ig.br/ciencia\\_e\\_educacao/9/artigos/narcisismo.html](http://www.jurandircosta.hpg.ig.br/ciencia_e_educacao/9/artigos/narcisismo.html)> Acesso em 28/04/2004

COSTA, J. F. *Saúde Mental, Produção da Educação?* In: \_\_\_\_\_. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 63-78.

DANTAS Jr, Arílio. *A psicanálise e as novas formas de experiência humana determinadas pela globalização*. Revista Brasileira de Psicanálise vol. 36, 2002

DUFOUR, Dany-Robert. *As angústias do indivíduo-sujeito. Le monde diplomatique*. França, 2001. Disponível em: <<http://www.diplo.com.br/fechado/materia.php>>. Acesso em: 17 nov. 2004.

FREUD, Sigmund. *El malestar en la cultura*. In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas**. v.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. p.3018-3067.

FREUD, S. *Introducción al narcisismo* In\_\_\_\_\_ Obras completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981

FRANCISCO, B.S.S. *Narcisismo: Um ideal regulador interno*. Revista Brasileira de Psicanálise, vol.23/3/1993

GUINSBERG, Enrique. *El psicoanálisis y el malestar en la cultura neoliberal*. Revista subjetividad y cultura, México, n. 3, p. 7-27, out. 1994.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 2. ed. São Paulo. Atlas, 1989.

\_\_\_\_\_. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo. Atlas, 1982.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983

LEONTIEV, Aléxis. *O Homem e a cultura*. In: \_\_\_\_\_. *O desenvolvimento do psiquismo*. Trad. Manoel Dias Duarte. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978. p. 259-284.

LOWEN, Alexander. *Narcisismo negação do verdadeiro "self"*. Ed. Círculo do livro S.A, 1983

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. *Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. Ed. ANNA BLUME, SP

TOTA, Antonio P. e BASTOS, Pedro Ivo de A. *Historia Geral*, ed. Nova Cultural, São Paulo, 2000.

VICENTINO, Cláudio. *Historia Geral*. ed, Scipione Ltda. São Paulo, 1991.